A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR NA EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA.

Josué Aparecido Alves PINTO JÚNIOR

Andreza Marques de Castro LEÃO

Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho

Eixo 10

josue.alves@unesp.br

Palavras-chave: Brincar. Violência contra criança. Educação básica

Resumo

As crianças que sofrem violência estão sujeitas a experiências traumáticas que podem comprometer diversas dimensões do seu desenvolvimento psicossocial e de suas habilidades. Considerando que, na maioria dos casos, os atos de violência são perpetrados por familiares ou conhecidos da vítima, essas crianças tornam-se especialmente vulneráveis à revitimização e dependem da atuação de agentes de defesa dos direitos infantis, como professores e profissionais da saúde, para que a situação seja identificada e adequadamente enfrentada. O presente artigo teve como escopo o brincar enquanto ferramenta de promoção da educação de crianças vítimas de violência, especificamente no contexto de educação infantil. O objetivo foi compreender se o brincar é abordado na literatura científica como estratégia educativa e terapêutica para crianças vítimas de violência, de modo que aprendam a ressignificá-la. A partir do levantamento de 16 artigos em quatro idiomas, foram selecionados seis que atendiam rigorosamente aos critérios de inclusão. A análise revelou que o brincar constitui uma ferramenta estratégica indispensável no manejo com crianças vítimas de violência, desde que conduzido por profissionais capacitados para interpretar adequadamente suas expressões lúdicas. Paralelamente, constatou-se que a ausência de supervisão ou preparo técnico pode, inclusive, favorecer novas formas de revitimização. Ademais, é fundamental que o corpo docente esteja devidamente preparado para acolher e interagir com esses alunos, de modo a evitar o reforço de crenças negativas ou autodestrutivas e a perpetuação da violência no ambiente escolar.

Palavras-chave: Brincar. Violência contra criança. Educação básica.

1. Introdução

O brincar é a forma de linguagem mais clara que uma criança pode ter e é por meio dela que a criança explora o mundo e manipula a realidade. Para Winnicott (1975) o brincar já começa quando o indivíduo é um bebê, trabalhando com o que foi

denominado pelo autor como “objeto transicional”. O objeto transicional é aquele que está além da existência da criança e funciona tanto para manipulação do mundo como defesa ou como aliado contra a ansiedade.

Para o mesmo autor, o brincar é o que permite ao indivíduo exercer livremente sua criatividade, moldar a realidade e mais importante, construir e encontrar o “eu”. Segundo Winnicott (1975, p. 89) “É no brincar, e somente no brincar, que o indivíduo, criança ou adulto, pode ser criativo e utilizar sua personalidade integral: e é somente sendo criativo que o indivíduo descobre o eu (self)”. Assim o brincar transcende a infância, sendo importante em todos os momentos da vida, pois é através da brincadeira, no entendimento do autor, que a aciona e consegue conectar o seu verdadeiro eu e encontrar seu espaço seguro.

O brincar é mais do que uma atividade onde crianças se divertem, afinal não é inata ao sujeito, mas é aprendizagem, é cultura, é construção de significações e sentidos (Brougère, 2011). Segundo este autor, o brincar tem uma relação profunda com uma cultura preexistente, pelo fato de que não existe um comportamento pré-determinado, mas um estado de brincar. A brincadeira deve ser aprendida pelos interventores mais experientes (Pais, professores, irmãos mais velhos, primos, etc.) de modo a ensinar as crianças que ao brincar podemos modificar a realidade, mas não o real, e assim pode-se retornar ao início da brincadeira de forma a se remodelar (Brougère, 2011).

Para Colombo e Agosta (2012) brincar é o meio empregado pelas crianças de conhecer a realidade e, ao mesmo tempo, elaborar as situações vivenciadas por ela. Essas experiências precisam ser simbolizadas, explorando seus problemas internos, sendo uma ferramenta útil para que possam desenvolver controle sobre a situação sofrida.

Tendo em vista a seriedade deste assunto, algumas indagações surgem: Seria essa brincadeira capaz de ajudar a criança a compreender situações de violência sofrida? Poderia ser usada como ferramenta pelos docentes da educação infantil para trabalharem com as crianças na ajuda da internalização e ressignificação de violências?

Atualmente no Brasil, a violência tem estado em crescimento preocupante. Segundo o Anuário Brasileiro de Segurança Pública (ABSP, 2024), em 2024 o país atingiu um novo recorde em estupro e estupro de vulneráveis, totalizando 83.988 vítimas, sendo que 61,6% delas têm no máximo 13 anos de idade, majoritariamente meninas (88,2%), negras (52,2%). Em 84,7% dos casos foram consumados por um familiar ou conhecido da família. Isso significa que ocorre um caso de estupro a cada seis minutos, uma estatística que revela que este é de fato um grave fenômeno.

Ainda no mesmo documento, aprecia-se que, no que tange violências contra crianças e adolescentes, a situação não é positiva. Foram registrados incrementos em

todos os tipos de violência não letal contra a criança e adolescente como a negligência, violência física, psicológica e sexual (ABSP, 2024, p. 196). O documento elucida que abandono de incapaz é prevalente nas faixas etárias mais jovens (de 0 a 13 anos de idade), enquanto a violência física e sexual é alta em todas as idades até os 17 anos.

Far-se-á necessário destacar que, entre as idades de 5 a 9 anos ocorrem cerca de 76,6 casos de violência física (Maus-tratos e lesão corporal em violência doméstica) por cada 100 mil habitantes. Já para as idades dos 10 a 13 anos, a prevalência é de violência sexual (Estupro, Pornografia Infantojuvenil e Exploração Sexual), sendo 233,9 casos por cada 100 mil habitantes. Assim, houve um aumento de 30% em todos os crimes não letais contra crianças e adolescentes, em relação ao ano anterior (ABSP, 2024).

Um dado interessante é que a Childhood Brasil, organização que se encarrega do projeto Ludotecas, já instalou cerca de 50 unidades pelo país. O projeto oferece ambientes especiais de acolhimento para ouvir crianças e adolescentes em situação de violência, maus tratos ou negligência e visa promover um ambiente propício e não aversivo para a escuta deste público (Empresa Brasil de Comunicação, 2025).

Sendo assim, o presente artigo se norteia pelo questionamento “como o brincar é abordado na literatura como estratégia educativa e terapêutica para que crianças vítimas de violência aprendam a ressignificar a violência?”, tendo como objetivo explorar, com base na literatura científica, as contribuições do brincar no espaço escolar como recurso de acolhimento às crianças vítimas em processos de aprendizagem da expressão emocional e ressignificação da experiência traumática.

2. Método

O presente artigo consiste em uma pesquisa bibliográfica, de tipo exploratória, com objetivo de compreender o uso do brincar por docentes da educação infantil como ferramenta educativa e de acolhimento à criança vítima de violências. Nesta pesquisa empregou-se os descritores Brincar, Infância, Violência contra criança, Escola e Lúdico, fazendo consulta nas seguintes bases de dados: PsychInfo, Pepsic, PubMed e Google Scholar.

Foram incluídos artigos científicos publicados nos últimos 10 anos, redigidos em português, espanhol, inglês ou francês, que abordassem o brincar como prática educativa ou terapêutica no contexto da infância. Em um primeiro momento, priorizaram-se produções vinculadas ao campo da educação infantil e ao papel do educador nesse processo. Contudo, diante da escassez de publicações específicas sobre essa temática,

os critérios foram ampliados para contemplar também estudos oriundos da área da saúde, desde que relacionassem o brincar ao contexto de violência contra a criança.

Adotaram-se como critério de exclusão, artigos publicados há mais de 10 anos, produções em idiomas distintos dos mencionados, bem como trabalhos que não tratassem do brincar no contexto escolar ou terapêutico ou que não estabelecessem relação com situações de violência contra a criança.

A busca resultou no levantamento de 16 artigos, sendo 7 em português, 4 em inglês, 2 em espanhol e 3 em francês. Após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, foram selecionados 6 artigos para compor a presente revisão, distribuídos em português (2), espanhol (2) e inglês (2).

3. Desenvolvimento

Os seis artigos selecionados revelam um consenso geral e robusto sobre o valor do brincar como um recurso fundamental no cuidado de crianças, em especial, das que foram vítimas de violência física e sexual. Embora os textos dialoguem partindo de distintas áreas do conhecimento, como a psicologia clínica, educação e saúde hospitalar, eles convergem na compreensão de que o brincar é uma ferramenta de expressão simbólica, um canal de escuta afetiva e instrumento de desenvolvimento interpessoal.

Isto vai ao encontro da literatura base, que entende o brincar como uma ferramenta de manipulação do ambiente bem como de expressão dos eventos vivenciados pela criança (Colombo; Agosta, 2012). O brincar também é uma ferramenta que facilita a tomada de controle da situação uma vez que oferece a criança a possibilidade de manipular a experiência traumática e ressignificar (Winnicott, 1972) desde que seja apropriadamente supervisionada.

Para Brougère (2011, p. 23) “Esquecemo-nos facilmente de que quando se brinca se aprende antes de tudo a brincar, a controlar um universo simbólico particular”. Assim, o brincar deve ser ensinado e aprendido através de um mediador, geralmente um adulto experiente (Bermúdez et al. 2022).

A maioria dos artigos destaca que a violência, em destaque a de cunho sexual e intrafamiliar, rompe com a segurança psíquica e emocional da criança, comprometendo sua capacidade de simbolizar experiências e se desenvolver de forma saudável. Nesse cenário o brincar pode oferecer uma via não invasiva e pouco aversiva para exploração segura e significativa dos conteúdos traumáticos e potencialmente danosos a saúde psíquica e emocional da criança (Tachibana; Barbosa, 2021).

Bermúdez et al. (2022, p. 7) ressaltam que o brincar é essencial para crianças que sofreram violência por permitir o interventor “falar” a mesma língua da criança, permitindo a ela um espaço de expressão livre para trabalhar seus conteúdos internos. As autoras elaboram também que através dos jogos, os adultos podem ensinar regras sociais que serão posteriormente internalizadas pela criança (p. 12), isso evidencia a importância do brincar na elaboração simbólica no âmbito das experiências traumáticas quanto também a aprendizagem de ferramentas sociais que permitam a criança a sua autodefesa.

Segundo Weil-Statsman (2015), qualquer trauma vivenciado na infância impacta diretamente a capacidade de aprender e de construir relações saudáveis, além de outros aspectos do desenvolvimento. Diante da realidade vitimológica brasileira, torna-se indispensável a criação de ambientes acolhedores, com docentes e profissionais capacitados para apoiar essas crianças em seu processo de aprendizagem.

Nesse sentido, a autora destaca que as crianças regulam seu comportamento a partir da antecipação das respostas dos adultos ao seu redor, especialmente pais e professores (Weil-Statsman, 2015, p. 3). O trauma também compromete a criatividade infantil, o que interfere diretamente na relação da criança com o brincar. Embora a atividade lúdica possa ser um recurso valioso para o enfrentamento de experiências negativas, favorecendo o senso de controle e o desenvolvimento de competências emocionais, em crianças que vivenciaram situações de violência ela pode, paradoxalmente, eliciar memórias e reações negativas, tornando-se uma experiência aversiva em vez de protetora (Weil-Statsman, 2015, p. 6).

Em contrapartida a terapia do brincar aparece nos artigos clínicos como estratégia central, permitindo à criança dramatizar o sofrimento vivenciado, podendo reconfigurar e ressignificar seus afetos através da construção de uma narrativa lúdica (Centena, 2017; Spagiari et al. 2020; Tachibana; Barbosa, 2021; Bermúdez et al. 2022). Assim o brincar não somente ameniza os possíveis sintomas eliciados por experiências traumáticas como também pode favorecer o fortalecimento egóico, reestabelecendo o senso de controle e segurança emocional.

No que tange a educação infantil, apesar da maioria da literatura partir de uma visão clínica, os princípios do brincar são altamente transponíveis para o espaço escolar. A literatura aponta que o ambiente educativo é uma instituição privilegiada para o resgate da ludicidade como elemento estruturante da infância (Leão 2022). O Brincar assim deve ser entendido como uma atividade essencial para o desenvolvimento cognitivo, emocional e como elemento que promove a sociabilidade e a manipulação da realidade, não podendo ser resumido a uma atividade suplementar.

Os artigos selecionados revelam que o brincar é simultaneamente meio educativo e meio de elaboração simbólica da violência vivida. Isso se deve ao fato de que, no ato de brincar, a criança se comunica com o outro e consigo mesma, elabora suas vivências, reorganiza o mundo interno e ressignifica suas experiências e existência (Centena, 2017; Spagiari et al. 2020; Tachibana; Barbosa, 2021; Bermúdez et al. 2022), assim estão alinhados com a literatura científica.

Considerando especificamente na prática pedagógica, reconhecer o sofrimento da criança é essencial para que a violência seja percebida e corretamente interpretada, podendo usar o faz-de-conta como ferramenta principal desde que o docente tenha a capacidade técnica para fazê-lo. Wichmann et al. (2023) demonstraram que as intervenções escolares são positivas no controle de quadros pós-traumáticos e algumas escolas já aplicam na grade extracurricular, outras trazem treinamento dos professores junto com profissionais da saúde mental para poderem construir um currículo focado em intervir com sintomas pós-traumáticos.

Apesar do estudo de Wichmann et al. (2023) não focar especificamente no brincar, ele evidencia que as intervenções escolares e o investimento em docentes preparados para lidar com situação de violência são positivos no controle dos sintomas pós-traumáticos e no trabalho de elaboração e ressignificação da violência. Assim preparar ambientes sensitivos a experiências traumáticas, sejam atividades extracurriculares, aulas ou até mesmo acompanhamento com profissionais da saúde é indispensável.

Conquanto não seja papel do educador fazer a escuta investigativa ou terapêutica das crianças, os artigos analisados sugerem que o professor pode ser um agente de escuta qualificada. Ao observar o padrão comportamental e das brincadeiras delas, o professor pode notar mudanças ou aparição de elementos sexualizados, agressividade ou outros elementos fora do comum, podendo sinalizar experiências de violência (Centena, 2017; Tachibana; Barbosa, 2021). Nesta perspectiva além do fator educacional, o brincar serve como meio de identificação precoce de situações de risco, sendo importante para os educadores terem treinamentos em interpretação do lúdico.

Um ponto importante que os educadores precisam estar atentos, especialmente em brincadeiras, é na atenção para que as crianças não revivam experiências traumáticas. Weil-Statsman (2015) fala sobre o caso de uma criança chamada Chiara que sofreu abuso sexual por parte de um primo e nas brincadeiras que ela participava, não conseguia dizer não para as atividades que não queria fazer. Neste sentido, a criança experiencia novamente in vivo os acontecimentos e não consegue ressignificar a experiência de violência entrando em processo de revitimização.

Como crianças que sofreram violência geralmente apresentam comportamentos que frustram os docentes, é importante que os professores estejam preparados para lidar com essas situações, uma vez que as punir pode resultar no reforço de autoimagem negativa das vítimas (Weil-Statsman 2015).

Outrossim, os educadores não podem assumir esta responsabilidade sem ter o apoio necessário. Como aponta Leão (2022), os docentes em sua maioria não tiveram aulas de educação sexual durante a sua formação nem na formação continuada. Isso afeta diretamente a atuação dos professores uma vez que não possuem o leque de ferramentas necessárias para lidar com as diversas realidades infantis.

Nesse contexto, Botan e Leão (2020) demonstraram empiricamente que jogos e brincadeiras, quando previamente planejados, constituem ferramentas pedagógicas de grande potencial na educação infantil, favorecendo o desenvolvimento cognitivo, emocional e social das crianças. O estudo de caso realizado com crianças de 4 e 5 anos revelou que as atividades lúdicas estruturadas promovem interação, expressão de sentimentos, tomada de decisões e construção de vínculos de respeito, habilidades especialmente relevantes para crianças que vivenciaram situações de violência e necessitam reconstruir sua segurança emocional e relacional.

As autoras também evidenciaram que, apesar de os educadores reconhecerem os benefícios do brincar, enfrentam obstáculos concretos em sua prática, como a falta de materiais, de espaço adequado e de apoio institucional. Além disso, o estudo identificou que temas sensíveis, como a sexualidade e, por extensão, a violência sexual, são frequentemente evitados no cotidiano escolar, sendo abordados apenas quando a criança traz o assunto espontaneamente. Isso reforça a necessidade urgente de formação continuada que habilite os docentes a utilizarem o brincar de forma intencional e planejada, não apenas como recurso pedagógico genérico, mas como estratégia sensível ao sofrimento infantil (Botan; Leão, 2020).

A falta de ferramentas e apoio tanto da escola quanto de políticas públicas desfavorece que os docentes estejam preparados para construir um ambiente escolar sensível a experiências de violência. Como aponta Leão, Leão e Ribeiro (2024), elementos importantes a serem tratados com as crianças foram censurados da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que mesmo sendo obrigatória, não oferece o respaldo necessário para os professores lidarem com certas temáticas, em especial as que envolvem tanto questões do desenvolvimento da sexualidade e de identidade, como os elementos fortemente ligados as principais violências sofridas pelas crianças.

4. Conclusões

Apesar dos artigos, em sua maioria, não serem da área da educação é possível perceber que reforçam a importância do brincar na educação da criança vítima, tanto para ressignificação da experiência traumática, quanto para aprendizagem e introspecção de habilidade de defesa pessoal e emocional para lidar com situações de violência.

É importante para a criança estar em ambientes que promovam o afeto positivo e a liberdade para se expressar. Porém, no Brasil a violência majoritariamente ocorre dentro das casas, a escola se torna uma instituição estratégica na defesa dos direitos e da saúde da criança. Assim, as escolas precisam promover não somente conversas com este público, mas a formação e desenvolvimento de técnicas e ferramentas para que os docentes, em especial, os de educação infantil, estejam aptos a lidar com estas situações, de forma a promover um ambiente em sala de aula que seja acolhedor e criativo, que permita a criança elaborar suas vivências, retomando controle e ressignificando suas experiências.

Os artigos selecionados mostram como o brincar é uma ferramenta importante e indispensável no trabalho de conversar com a criança vítima de violência, podendo ser usado como ferramenta para a construção de um leque de habilidades assertivas para lidar com a situação, se proteger, tendo ciência de a quem recorrer em caso de necessidade. É por meio da brincadeira que podemos compreender a linguagem das crianças e permitir que nos mostre o seu mundo e suas vivências de uma forma onde tenha total controle da narrativa.

Em síntese, assim como para Winnicott o terapeuta que não é capaz de brincar não se adequa ao trabalho de terapeuta e, o paciente que não sabe brincar está adoecido. Pode-se dizer que o professor que não sabe brincar, de mesmo modo, não se adequa a trabalhar com crianças e, a criança que não consegue brincar faz uma denúncia silenciosa, trazendo elementos de algo que pode estar acontecendo. Caberá, portanto, aos profissionais serem capazes de ouvir, interpretar e posteriormente dar voz a seu silêncio, e, sobretudo, os resguardar.

5. Principais referências

BERMÚDEZ, M. M; CÁRDOBA, Y. Z. M; ZAMBRANO, V. O; GÓMEZ, D. M. E; Terapia del Juego: Un camino para el buen desarrollo de la relación terapéutica en atención de niños y niñas de maltrato infantil. 2022. 35 f. Monografia (Especialização em Psicologia Clínica com Ênfase em Psicoterapia e em crianças e adolescentes) – Faculdade de Ciências Humanas, Sociais e da Educação, Universidad Católica de Pereira, Pereira,

2022. Disponível em: https://repositorio.ucp.edu.co/server/api/core/bitstreams/7c4835cf-b4ce-4cb1-8bf1-3feeb7757635/content. Acesso em: 01 jul 2025.

BOTAN, K. I.; LEÃO, A. M. C. Jogos, brincadeiras e educação sexual na educação infantil. **Humanidades & Inovação**, v. 7, n. 5, p. 110-121, 2020.

BROUGÈRE, G. A Criança e a Cultura Lúdica. In: KISHIMOTO, T. M. (Org). **Brincar e suas Teorias.** 2 ed. São Paulo: Cengage Learning, pp. 19-32. 2011

CENTENA; R. M.; La Importancia de la técnica de juego para el trabajo con niños maltratados y/o abusado sexualmente. 2017. Monografia (Graduação em Psicologia) – Universidad de la República, Montevideo, jul. 2017. Disponível em: https://hdl.handle.net/20.500.12008/10938. Acesso em: 15 jul 2025

COLOMBO, R. I; AGOSTA, C. B. **Abuso y maltrato infantil: Hora de juego diagnóstica.** 3 ed, Editora Cauquen, 75p. 2012

Empresa Brasil de Comunicação. Conheça o projeto Ludoteca de acolhimento a crianças e adolescentes. Rádio Nacional, Brasília, 13 jun. 2025. Disponível em: https://radios.ebc.com.br/tarde-nacional-brasilia/2025/06/conheca-o-projeto-ludoteca-de-acolhimento-a-criancas-e-adolescentes. Acesso em: 29 jun 2025.

FORUM DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública** – 18 ed, 2024. São Paulo, 404p., 2024. Disponível em: https://publicacoes.forumseguranca.org.br/items/f62c4196-561d-452d-a2a8-9d33d1163af0. Acesso em 01 jul 2025.

LEÃO, A. M. C. **Ações de prevenção à violência sexual infantojuvenil: analisando a formação e informação da(o) profissional da educação infantil e do ensino fundamental.** 245f. Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara - Universidade Estadual Paulista -Unesp, Tese (Livre docência), Araraquara, 2022.

LEÃO, A. M. C.; LEÃO, A. M. C.; RIBEIRO, P. T. M.; Historicização da educação sexual no Brasil pós PNE e BNCC: Entre embates e possibilidades. **Doxa: Ver. Bras. Psico. e Educ.**, Araraquara, v. 25, n. 00, 2024. Disponível em: https://doi.org/10.30715/dixa.v2500.18581. Acesso em: 15 jul 2025.

SPAGIARI, N. T. B.; SALVADOR, I. N.; BARBEIRO, F. S.; DOS REIS, M. E. T. O Segredo despido pelo brincar na clínica psicanalítica, **Analytica**, v. 9, n. 16, p. 1-19, jan/jun., 2020. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/pdf/analytica/v9n16/v9n16a03.pdf. Acesso em: 10 jul 2025.

TACHIBANA, M.; BARBOSA, P. C. Escutando o brincar num ambulatório de violência sexual infantil. **Estudos Interdiciplinares em Psicologia**, v. 12, n. 1, p. 138-153, abr. 2021. Disponível em: https://doi.org/10.5433/2236-6407.2021v12n1suplp138. Acesso em: 15 jul 2025.

WEIL-STATSMAN, K. Creating Trauma-Sensitive Classrooms, **Young Children**, v. 70, n. 2, maio, 2015. Disponível em: https://www.naeyc.org/resources/pubs/yc/may2015/trauma-sensitive-classrooms. Acesso em: 02 jul 2025

WICHMANN, M. L-Y.; PAWILS, S.; RICHTERS, J.; METZNER, F. School-Based Interventions for Child and Adolescent Victims of Interpersonal Violence. **Trauma Violence & Abuse**, v. 24, n. 3, p. 1743-1762, 2023. Disponível em: https://doi.org/10.1177/15248380221078892. Acesso em: 02 jul 2025

WINNICOTT, D. W. **O Brincar e a Realidade**, Trad. Josué Octávio de Aguiar Abreu; Vanede Nobre, Rio De Janeiro: Editora Imago, 1975 [Publicado originalmente em 1971].